

**ANGOLA E A TRISTE LIBERDADE: UM RETRATO DOS ANOS QUE  
SUCEDERAM A INDEPENDÊNCIA –  
ANÁLISE DA OBRA *PREDADORES*, DE PEPETELA**

Vanessa Riambau Pinheiro – DLCV-UFPB

Pepetela, objeto de nosso estudo, foi militante do MPLA, ativo combatente contra a dominação do colonizador. Integrou também os primeiros governos angolanos, tendo sido nomeado vice-ministro da Educação em 1975. Apesar de sua participação política, ou até mesmo por causa dela, sentiu-se imbuído de, à parte de forjar uma identidade, criticar aquela que parece ter se instalado nos meandros do país, especialmente no que concerne aos que agora detinham o poder. Segundo Anderson (2008, P.198), enquanto o capitalismo transformava os meios de comunicação física e intelectual, as camadas intelectuais descobriram formas alternativas à imprensa, difundindo a comunidade imaginada. Ou seja, já que o movimento pré-independência não podia contar com os meios tradicionais de divulgação de suas ideias, teve que fazer uso de outros métodos, como encontros em *A casa dos Estudantes do Império*, por exemplo.

A Pepetela não interessa contar como se comportam as pessoas após a independência, suas contradições ou temores. Interessa, sim, mostrar uma Angola desencantada aos olhos de quem lutou pela revolução; extorquida por quem a devia incentivar; desinteressante para a nova geração. Os meninos Nacib, Manuel e Kasseke revelam-se de uma inocência inverossímil e mesmo irritante, principalmente se pensarmos nos dois últimos, que viviam nas ruas e comportam-se com o mesmo conformismo e otimismo diante de situações trágicas ou cotidianas. Nacib, por sua vez, parece um títere governado por Mireille, e nem o amor desculpa sua falta de *savoir-faire*. Esta, por sua vez, é uma menina mimada e manipuladora, sem qualquer objetivo na vida. Dois personagens conseguem atrair um pouco a condescendência do leitor por revelarem características mais interessantes que os demais: Ivan, que passa de menino irresponsável e homicida acidental a bom administrador, e Karim, que apesar de ser um negociante inescrupuloso e de índole duvidosa, tem sentimentos reais de amizade por Caposso. Para sustentar sua tese e não aprofundar-se nos contornos psíquicos de seus personagens, seria mister um pouco de carisma que os contrabalançasse. O romance de tese<sup>1</sup>, realizado pelo autor, deve partir de uma hipótese. A que vislumbramos é: Angola continua com muitos problemas apesar da independência. É isso que se tenta provar, para isso servem os personagens. Percebemos, portanto, que se desvela um pendor orientado para a conformação mental dos leitores, para a transformação da sociedade e de seus defeitos.

Voltando ao autor, podemos constatar que ele constrói sua narrativa desencantadamente, mostrando o país aos olhos dos seus personagens tolos, vis e irresponsáveis. Por isso não nos importa tanto a complexidade destes personagens, e sim o que eles representam: as diferentes visões de uma nova Angola. Eles são o reflexo do país: tanto a bondade ingênua quanto a inconseqüência são faces diferentes de quem nunca viveu uma revolução, assim como o são a desilusão e o arrivismo de quem já viu a guerra. Temos, portanto, a ingenuidade e a vulnerabilidade de uma nova Angola que não conhece sua história representada em personagens como Djamila, Kasseke, Manuel

---

<sup>1</sup> Um romance escrito de modo realista (isto é, baseado numa estética de verossimilhança e representação), que se apresenta ao leitor como primordialmente didático no propósito, procurando demonstrar a validade de uma doutrina política, filosófica ou religiosa (SULEIMAN, 1983, p.7). Traduzido pela autora do estudo.

e Nacib; a leviandade e a inconsequência em Mireille e Ivan; o desencanto de um país que esqueceu dos seus filhos mais aguerridos em Sebastião Lopes e Simão Kapiangala; e a ambição e a corrupção em Vladimiro Caposso e seus aliados poderosos.

Como o próprio título parece nos indicar, os predadores tomaram tudo das gerações idealizadoras da independência, dos sonhos pueris à possibilidade de uma ascensão social honesta. Ainda que haja personagens de boa índole – como Kasseke, Manuel e Nacib -, eles não têm a força nem o engajamento necessários para se opor ao sistema corrupto e opressor que domina o país. E todos sofreram, em maior ou menor grau, a problemática cultural africana em suas vidas. A identidade mítica, primeva, atingiu Kasseke e Manuel de maneira irreversível. E a atual, a dividida, a transplantada, atingiu, ainda que superficialmente, Nacib.

De uma maneira reducionista, mas lúcida, podemos vê-los como infantes tolos e suscetíveis. O primeiro, castrado por seu próprio pai, na tentativa de circuncidá-lo para manter uma tradição familiar, nos fornece uma analogia evidente com o que o “pai” Portugal fora capaz de fazer a Angola, castrando sua cultura na tentativa de manter-se no poder. Há aqui uma inversão da história original, quando o filho castrou o pai<sup>2</sup>. Entretanto, tanto o pai de Kasseke quanto Portugal erraram na medida, pois enquanto a circuncisão de um virou sua castração<sup>3</sup>, a tentativa de castração do outro se transformou no início de sua libertação. Não vamos questionar aqui se essa liberdade trouxe mais benefícios ou prejuízos e de que forma se deu essa transição de poder.

Manuel, por sua vez, sofreu pessoalmente o preconceito por sua própria cultura. Acusado de feiticeiro pela família e ameaçado, obrigou-se a fugir, tendo de viver ao relento até morrer vítima de uma doença desconhecida – quiçá uma feitiçaria?

Ficavam doentes, depois diziam que era o Manuel, feiticeiro, a chamar as doenças. Quando a mãe morreu, disseram logo foi o Manuel que puxou a doença, aí ele fugiu, com medo do castigo. Podiam até lhe matar, tu sabes? (PEPETELA, 2008, p.353).

Lhe levantaram borbulhas no corpo todo, se transformaram em chagas (...). Kasseke comprou os medicamentos com os poucos kwanzas que acumulou mas de pouco adiantou, Manuel morreu dias depois. Até hoje Kasseke não crê em causas naturais para a morte de Manuel. Acusado de feitiçaria pela própria família, Manuel deve ter sido vítima dela (PEPETELA, 2008, p.475).

Já Nacib é uma amostra clara de transplantação de cultura: um africano de nome árabe por causa de uma história brasileira - *Gabriela*, de Jorge Amado, ainda que para que fosse registrado, seu padrinho tivesse de inventar que Nacib era um herói nacional (PEPETELA, 2008, p.44).

Se a nenhum destes acomete a força necessária para enfrentar os males da nova Angola, falemos então de Sebastião Lopes. Advogado, ex-militante, é um idealizador frustrado, mas não ressentido. Podemos dizer que Sebastião Lopes teria a disposição e as ferramentas necessárias para aniquilar o sistema corrupto, mas não tem poder suficiente. Os únicos que podem realmente causar um estrago grande aos predadores são eles próprios. Destroem-se a si mesmos, como já previra Hobbes<sup>4</sup>, e como o livro nos provará.

---

<sup>2</sup> Note-se que este é um tema sempre mítico, basta que nos lembremos do que fez Zeus a seu pai, Cronos. O medo de que o pai supere ao filho também é recorrente na história de Laio e Édipo.

<sup>3</sup> “Quando eu tinha oito anos um dia ele me levou, disse tinha de fazer circuncisão à maneira tradicional como ele e todos da sua família (...). Só que em vez de cortar a pele da ponta, como se deve fazer, cortou mesmo pelo meio (...). Quando me curei, só ficou esse coto” (2008, p.361-362)

<sup>4</sup> Thomas Hobbes, filósofo alemão, autor da célebre frase: “o homem é o lobo do homem”.

Sebastião foi um kamba (PEPETELA, 2008, p.95) que Vladimiro Caposso conheceu na juventude, supõe-se que nos idos da década de 70. Foi descrito pelo narrador como um “um jovem puro, queria se inscrever nas FAPLA<sup>5</sup>, fazer treino militar, lutar pelo país” (PEPETELA, 2008, p.98) e “não perdia a esperança de educar politicamente o amigo” (PEPETELA, 2008, p.100). Envergonhava-se do pai, “cipaio” fácil dos portugueses, pago para auxiliar na repressão delatando os intentos revolucionários. “O pai de Sebastião era, nas palavras do filho, um reaccionário, defendia os colonos, eles é que trouxeram a luz eléctrica, são boa gente que nos quer civilizar” (PEPETELA, 2008, p.112).

Destarte, chegamos ao nome da maior zombaria narrada depois da Angola pós-independência: chama-se Simão Kapiangala. Sua história é digna de lástima: durante um treino militar, ele pisou em uma mina e “entrou na escuridão maior que a noite (...)”. Ficou com dois pequenos cotos de coxas e sem coto nenhum no braço, foi mesmo amputado pelo ombro” (PEPETELA, 2008, p.231).

Quando deixou de estar em perigo de vida, trouxeram-no para o Hospital Militar de Luanda, na esperança de arranjar prótese para as pernas, mas outros tinham prioridades estranhas e inexplicáveis, ele foi ficando esquecido e depois também teve de sair do hospital, ocupava o lugar de algum ferido urgentemente grave. Viveu nas ruas, ia fazer mais como? Prometeram uma pensão do Estado mas ela nunca vinha, prometeram uma casa mas ele continuou na rua (PEPETELA, 2008, p.233-235).

A desconsideração com que Simão fora tratado, de herói da guerra a mutilado maltrapilho e indigente, mostra-nos a real dimensão que calha ter agora, para o autor, os feitos bélicos de um passado que só interessa para manutenção de privilégios de poucos. Simão se nos apresenta como uma metáfora nítida do massacre – não físico, mas emocional – que sofreram todos que acreditaram em um futuro sem opressores após a independência, visto que este papel estava reservado aos portugueses. Ledo engano. Sempre há alguém para oprimir, foi assim em todas as revoluções inicialmente anárquicas e libertárias. Liberta-se de um sistema de opressão para se entrar em outro, ainda que com novos contornos e faces mais conhecidas. “O poder é essencialmente repressivo” (FOUCAULT, 1979, p.175). Usando a máscara do sentimento nacionalista de libertação de Angola, os partidos políticos - em especial o MPLA - revelaram-se novos opressores quando dispuseram do poder.

Um futuro que se sonhou igualitário e justo agora maltrata seus heróis e protege seus inimigos. O destino final de Simão, atropelado por Ivan Caposso ao ser confundido com um cão, pode significar a nova e inconsequente geração acabando definitivamente e sem qualquer esforço com os ideais defendidos pela geração anterior.

Historicamente falando, temos um período que vai desde o fim da guerra pela libertação – alguns meses depois da Revolução dos Cravos em Portugal, passa pela independência em 1975, pela disputa de poder em Angola e pelos anos de guerra civil até chegar a 2005, três anos depois do fim da guerra e quando se pode, afinal, esperar alguma constância nesse tempo de paz.

A narração começa em setembro de 1974, auge da guerra pela independência. Sabemos que essa guerra se estendeu de 1961 até 1974. Na trama, vemos o empenho do idealista Sebastião Lopes em se inscrever nas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) e lutar pelo país, enquanto Caposso deseja apenas não se envolver nessas questões políticas e manter-se alheio.

---

<sup>5</sup> Forças Armadas Populares de Libertação de Angola.

Toda a questão da nação, para a maioria das pessoas comuns de qualquer classe social, é que ela é desinteressada. E exatamente por essa razão ela pode exigir sacrifícios (...). A grandeza de morrer pela revolução também deriva do grau de sentimento de que ela é algo fundamentalmente puro (ANDERSON, 2008, p.202).

Em uma época em que fervilhavam os sonhos de independência, Sebastião é extrema-esquerda e Vladimiro, um alienado. Sebastião até tenta converter o amigo para sua causa, dando-lhe inúmeros ensinamentos sobre Marx e pensadores afins, mas o esforço é vão. Até então, Vladimiro não se interessa por nada que envolva política.

Estamos numa época em que o posicionamento político se fazia indispensável – tempo em que, enquanto alguns angolanos eram pagos pelo governo português para guerrearem contra os interesses do seu próprio país, outros morriam e matavam pelo ideal libertário. O alheamento de Caposso, que lhe fora outorgado como uma herança paterna – junto com a roupa do corpo, um relógio, os instrumentos da profissão de enfermeiro que não chegou a seguir e alguns móveis velhos – fere o sistema colonial no seu processo de libertação. Não coincide com o pensamento revolucionário que vigorava na época, ainda mais por ser a acomodação o seu motivo principal. No entanto, após a independência e da posterior ascensão do MPLA, o personagem começa a se interessar por política. É a conveniência moldando os ideais políticos de nosso protagonista, que, afinal, filia-se ao MPLA, nem que para isso tenha tido que mudar de nome e inventar uma história para fazer-se confiável:

Deu então os dados que o outro pedia para preencher uma ficha e o respectivo cartão.

- Nome?

- Vladimiro Caposso.

- Vladimiro?

- Como o Lenine. O meu pai era um revolucionário há muitos anos.

- E a administração colonial aceitou? Era nome proibido.

- Por isso nunca fui registrado. Vivi na clandestinidade. O outro escreveu laboriosamente, impressionado (...).

Caposso passou no dia seguinte e de facto estava pronto o abençoado cartão que poderia lhe abrir muitas portas, com um nome que metia respeito e uma terra de origem de onde vinha gente famosa., PEPETELA, 2008, p.134-136).

É o início de uma vida inteira de politicagem e de dissimulação de Caposso. Criar um nome, uma cidade de origem e antepassados revolucionários serve apenas como pretexto para sua ascensão política. Os próximos capítulos confirmam esse dado: nos primeiros anos pós-independência, o nosso protagonista trabalha como motorista e, apenas 5 anos depois de sua filiação ao MPLA, já possui um carro próprio, um cargo de prestígio na Secretaria de Estado dos Desportos e torna-se membro do Comitê Central do Jota. Estamos no ano de 1985, dez anos após a independência. A ascensão profissional do personagem encontra-se intimamente relacionada com sua relação com o partido político dominante. Aquele mesmo que antes faria tudo para evitar contato. Sabemos, no entanto, que o MPLA que Caposso evitava era aquele revolucionário e radical, bem diferente das atitudes desse novo MPLA, agora no poder. Com este, o personagem identifica-se. Anderson (PEPETELA, 2008, p.222) mostra-nos como se dá essa mudança na política do país. Afinal, os vitoriosos sempre herdaram a estrutura e o funcionamento do sistema anterior: “às vezes os funcionários e os informantes, mas sempre os fichários, os dossiês, os arquivos, as leis, os registros financeiros, os censos, os mapas, os tratados, as correspondências, os memorandos, e assim por diante”.

Tal como a complexa rede elétrica de uma grande mansão depois que o dono vai embora, o Estado espera que o novo dono ligue os interruptores para voltar a funcionar com o antigo brilho.

Portanto, não surpreende muito que as *lideranças* revolucionárias, consciente ou inconscientemente, venham a se fazer de senhores da mansão. Dessa acomodação surge invariavelmente aquele maquiavelismo de “Estado” que é um traço tão marcante nos regimes pós-revolucionários, em contraste com os movimentos nacionalistas revolucionários (ANDERSON,2008, p.222-223).

Birmingham (2010, p.217) também nos fala sobre essa “herança maldita”. Segundo o autor, apesar de Angola ter sido um país que passou, durante o processo de descolonização, por uma grande transformação em relação aos demais países africanos, o que aconteceu foi uma “continuidade do passado em vez de uma transformação do presente”. O autor explica: ainda que a independência tenha sido conquistada através de uma luta “travada em nome dos 'trabalhadores' e dos 'camponeses’”, não foi bem assim que a situação foi definida: “nos anos 70, os trabalhadores rebelaram-se contra o governo do movimento popular e, na revolta dos anos 80, os camponeses fizeram o mesmo e ainda com mais persistência”. Apesar da destituição do domínio português por tantos anos desejado, o governo sucessor continuou sendo “extremamente burocrático e relativamente autoritário”.

O movimento popular esperava criar um sistema político de larga base a partir dum partido de massas, mas na prática foi empurrado pelas circunstâncias da guerra a concentrar o poder num número cada vez mais reduzido de mãos até se parecer com uma pirâmide invertida equilibrada precariamente num ponto que consiste numa dúzia de famílias relacionadas com os “velhos” crioulos negros do século XIX (BIRMINGHAM, 2010, p.217).

O personagem soube encaixar-se bem nessa pirâmide: enquanto foi motorista, Caposso já se aproveitava do sistema a seu favor, trabalhando para particulares em seu horário de trabalho regular e arredondando seu próprio salário. Agora, construía sua fortuna a partir das brechas do Estado, que o favoreciam: “a secretaria do Estado foi tendo uma carreira burocrática no gabinete de Intercâmbio, por proposta de um kamba mais antigo na Jota que tinha ocupado o cargo de director” (PEPETELA, 2008, p.315). Assim começa o personagem a usufruir plenamente o sistema, já que sua função lhe permitia numerosas viagens ao estrangeiro, além de receber ajudas de custo que lhe serviam para comprar presentes à família, aparelhos de som e vídeo de alta tecnologia ou mesmo para economizar em uma conta bancária.

Destarte, sabemos que esse confronto de poderes e de interesses faz parte do processo de nacionalização de Angola pós-independência. Hobsbawm, em *A era dos extremos: o breve século XX*, fala do processo pós-colonial como um todo e podemos aplicá-lo para o exemplo de Angola: “Mais frequentemente, logo após a independência, desenvolvem-se as tensões entre as partes componentes dos movimentos de independência” (HOBSBAWM, 1991, p.204). O autor explica ainda que esse conflito geralmente ocorre “entre povos envolvidos ativa e não ativamente, ou ainda, entre o secularismo não setorial já emancipado dos líderes e os sentimentos das massas”. (HOBSBAWM, 1991, p.204). Pesa ainda o fator de que “uma das maiores dificuldades da pós-independência em Angola foi a escassez de líderes, organizadores e administradores formados e experientes” (BIRMINGHAM, 2010, p.189).

O personagem constantemente nos mostra que sabe aproveitar as situações do partido a seu favor: vide a morte da prostituta Maria Madalena e de Toninho, ocorrido uma semana antes das eleições de setembro de 1992.

Na rua acontecia uma passeata política, com muitos carros cheios de gente agitando bandeiras rubro-negras, cartazes, jovens de camisolas vermelhas e punhos erguidos, gritando slogans e canções políticas. Faltava uma semana para as eleições (...). Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atoador da carreta. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração (...). Não era por eles que fazia essa matança, era por si próprio. Saiu do quarto, guardou a arma, foi à mesa da sala onde sabia haver sempre marcadores e canetas. Com uma caneta de feltro vermelha, escreveu numa folha de papel em maiúsculas e com a mão esquerda "Ninguém trai a UNITA sem deixar a vida" (PEPETELA, 2008, p.15-17).

Mais do que o assassinato a sangue frio da amante do personagem, significativo realmente é o fato do narrador mostrar-nos, logo no primeiro capítulo, que Caposso é racional e perigoso, e que se aproveitará das situações que lhe forem convenientes, como fez ao acusar a UNITA do crime que ele cometeu. "Se atirasse as culpas para a UNITA, o partido que afrontara o governo na guerra civil e cuja violência era reconhecida até pelos próprios aderentes mais imparciais, ninguém ia investigar nada" (PEPETELA, 2008, p.18). O contexto político para o desenrolar dessas ações é o mais propício possível. Afinal, apesar do acordo de paz assinado em 1991 e das eleições democráticas de 1992 terem transcorrido sem evidências de fraude (segundo constatação da Organização das Nações Unidas), o que aconteceu logo depois da vitória de Santos foi a retomada da guerra civil. De certa forma, podemos pensar que a atitude de V.C, culpando a UNITA, que sairá derrotada após as eleições, seria mais um motivo para desencadear essa guerra.

Durante sua história recente, Angola teria apenas dois presidentes: Agostinho Neto, médico, poeta e fundador do MPLA, que foi sucedido, após seu falecimento, em 1979, pelo engenheiro José Eduardo Santos, especialista em petróleo e conhecido por sua moderação. Santos, na recente fase de redemocratização do país (1992), seria reconduzido ao poder pelo voto popular, para um mandato de cinco anos, em eleições que, a despeito do reconhecimento oficial (Nações Unidas) de que transcorreram sem anormalidade, foram o estopim de uma nova etapa de guerra, só refreada em 1995 (após a assinatura do Acordo de Paz de Lusaka, em novembro de 1994). (MENEZES, 2000, p. 209).

A respeito de Caposso, é interessante invocar as palavras de Amílcar Cabral sobre essa classe de burgueses da qual ele faz parte<sup>6</sup>:

Formou-se, no entanto, ao serviço do próprio colonialismo, uma camada social que é hoje a única capaz de dirigir e utilizar os instrumentos de que se servia o Estado colonial contra o nosso povo: a pequena burguesia africana. No preciso momento em que esta classe, depois da libertação nacional, se apoderar do poder, podemos considerar que regressamos à história; nessa altura, vemos manifestar-se de novo as contradições internas da nossa situação económica e social, condicionadas desta vez, é certo, por diversos factores internos, mas também pelos do exterior. Devemos ter em consideração todos estes condicionamentos no momento em que a nossa pequena burguesia tomar o poder – ignoro em nome de quem, mas o facto é que o tomará. Que atitude adoptar então?

Amílcar Cabral previa que a saída possível seria uma das duas alternativas: o socialismo ou o neocolonialismo. De certa forma, já comentamos aqui, o país caminha a

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://resistir.info/africa/c\\_lopes\\_pereira.html](http://resistir.info/africa/c_lopes_pereira.html)

passos largos para o neocolonialismo. Sabemos, no entanto, que V.C não foi lobo o bastante para manter-se entre os grandes. Sempre haverá mais espertos, e nesse caso os estrangeiros, com capital para investir, vão tomando a frente. Em um artigo intitulado "A recolonização programada da África<sup>7</sup>", Henrique Júdice Magalhães diz-nos que as grandes potências mundiais continuam explorando o continente africano, principalmente no que se refere ao petróleo, o que caracteriza este neocolonialismo do qual falamos antes.

Estes dados contradizem a imagem de um continente incapaz de atrair investimentos estrangeiros – aspecto apontado pela imprensa monopolista como causa da miséria africana. Outro mito diz respeito ao alegado fator de inibição desses investimentos: as guerras civis étnicas, que causariam instabilidade e prejuízos à infra-estrutura, afugentando os monopólios.

A África é, de fato, um lugar devastado. Mas essa devastação não é senão um mecanismo de que o capital estrangeiro lança mão para poder iniciar ou manter em curso seus empreendimentos

Estrangeiros exploram aos africanos, e estes exploram-se a si próprios, em uma imagem distorcida de um socialismo que nunca se concretizou. A última guerra em Angola terminou em 2002, ocasionada novamente por desavenças entre os partidos MPLA e UNITA. Foi uma época desesperançada, já que as melhores tentativas de pôr fim à guerra, antes de seu efetivo término, foram de Beye, morto em um acidente de avião, em 1998. Agora, apesar dos problemas sociais e econômicos do país, a expectativa de paz perene é um fato. O excerto do poema a seguir, escrito em 1974, traduz essa esperança que se mantém:

#### **Adeus à hora da largada<sup>8</sup>**

Hoje

somos as crianças nuas das sanzalas do mato os garotos sem escola a jogar a bola de trapos nos areais ao meio-dia  
somos nós mesmos  
os contratados a queimar vidas nos cafezais os homens negros ignorantes que devem respeitar o homem branco  
e temer o rico  
somos os teus filhos dos bairros de pretos  
além aonde não chega a luz elétrica  
os homens bêbedos a cair  
abandonados ao ritmo dum batuque de morte teus filhos  
com fome  
com sede  
com vergonha de te chamarmos Mãe  
com medo de atravessar as ruas  
com medo dos homens  
nós mesmos

Amanhã

entoaremos hinos à liberdade  
quando comemorarmos  
a data da abolição desta escravatura

(Sagrada esperança)

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://resistir.info/africa/africa\\_jun07.html](http://resistir.info/africa/africa_jun07.html)

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.consuladodeangola.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=40&Itemid=59](http://www.consuladodeangola.org/index.php?option=com_content&task=view&id=40&Itemid=59)

Agostinho Neto

Segundo Pepetela, em entrevista concedida por e-mail no dia 9 de março de 2011:

Uma parte dos que lutaram pela independência se deram muito bem, melhoraram muito de vida, comparando com os pais e avós. Uma parte importante, sobretudo de estrato camponês, foi sendo marginalizada e esquecida. Essa, sim, lutou e não ganhou. Também alguns idealistas, mais ou menos intelectuais, que acreditavam estar a fazer o seu melhor e não aproveitaram materialmente das benesses de um regime saído dos vencedores. Serão os desencantados porque pensavam construir um país de justiça e livre, apenas conseguindo um país independente e pouco justo

Quem sabe um dia o ideal de Agostinho Neto possa acontecer, e a liberdade, que já chegou, possa efetivamente significar mudança. Talvez também ela possa existir de maneira mais plena, como uma independência total. Tomara ainda que essa liberdade possa coexistir com a prosperidade e com a leveza, tão esquecida nestes duros anos. Outrossim, sabemos que Capossos cada vez mais poderosos surgem a cada momento. Infelizmente.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BIRMINGHAM, David. *Portugal e África*. Lisboa: Nova Vega, 2010.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

HOBBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MENEZES, S. *Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo: Edusp, 2000.

PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

SULEIMAN, Susan Rubin. *Le roman à thèse ou l'autorité fictive*. Paris: PUF, 1986.

### **Outras referências**

MARQUES, R A recolonização programada da África. Ano VI, n. 35, jul. 2001. Disponível em: [http://resistir.info/africa/africa\\_jun07.html](http://resistir.info/africa/africa_jun07.html)

PEREIRA, C. L. Socialismo ou neocolonialismo: As lutas de emancipação dos povos africanos e a actualidade do legado de Amílcar Cabral. Encontro Internacional 'Civilização ou Barbárie'. Serpa, set. 2004. Disponível em: [http://resistir.info/africa/c\\_lopes\\_pereira.html](http://resistir.info/africa/c_lopes_pereira.html)